

A maior crise do mundo contemporâneo é a crise de reflexão no sentido de uma análise profunda das idéias que devem dirigir a humanidade.

O mundo atual é um mundo conturbado, sofrendo um tremendo **stress**, tangido por tôda sorte de sofrimentos de ordem moral, sofrimentos de ordem econômica, é um mundo marcado por uma profunda inquietação na esfera política. É principalmente na esfera política de todos os países do mundo que vemos a ausência da reflexão.

Os políticos da nossa época se preocupam, especialmente, com a ação.

Mas, porque lhes falta um princípio norteador, porque estão afastados dos grandes sistemas filosóficos que devem orientar a humanidade, o que reina é a incompreensão.

Verificamos que as palavras perderam o seu sentido clássico e estamos hoje em face de um tremendo caos. Daí tôda sorte de incompreensões e de desentendimentos.

É por esta razão que, nesta hora, pretendemos reviver essa personalidade extraordinária de escritor, de filósofo e de doutrinador político que foi Henri Bergson. Nasceu a 18 de outubro de 1859. A sua vida foi gloriosa e podemos dizer que nenhum intelectual imprimiu ao seu tempo marca mais profunda do que Henri Bergson. Estudando a sua obra, que pode ser dividida em duas etapas, vemos, na primeira, o filósofo original, o crítico do kantismo, o crítico do materialismo, o crítico do positivismo. Constam do primeiro ciclo: "Os dados imediatos da "Consciência", obra publicada em 1889, que representa, de algum modo, a metafísica da liberdade. Sua segunda obra, escrita em 1897, "Matéria e Memória", contém tôda a metafísica da matéria. E a terceira obra, que é a cúpula desta primeira etapa, vem a ser a "Evolução Criadora", na qual o grande filósofo considera a metafísica da vida.

O IDEAL DEMOCRÁTICO DE BERGSON

Deputado Hamilton Nogueira

Mais tarde, em 1932, depois de ter publicado "A Evolução Espiritual", êle nos dá êsse documento memorável, que vem a ser "As Duas

Fontes da Moral e da Religião", onde se opõe a si mesmo, porque, nessa segunda obra, o Deus de Henri Bergson sai do terreno do panteísmo, da indefinição, para aparecer como Deus transcendente, que pode ser apreendido pela experiência mística.

Não houve homem que tivesse maior repercussão na cultura deste século. O Bergson brasileiro, que se chamou Raimundo de Farias Brito e que fez, indiscutivelmente, a mais perfeita crítica de Bergson, mostrou que, ao lado do estilo cheio de metáforas, em que às vezes os conceitos filosóficos tangenciavam o plano da fantasia, a obra de Bergson representou a maior reação contra o positivismo, contra o kantismo e contra o materialismo.

Aliás, há uma analogia impressionante entre o papel de Farias Brito, no Brasil, e o de Bergson, na França. Há, mesmo, uma analogia doutrinária no terreno da filosofia. Ambos são intencionalmente espiritualistas; mas, quando considerarmos os sistemas filosóficos de Bergson e Farias Brito, verificamos que eles não ultrapassaram o panteísmo, que não deixa de ser um materialismo sutil. Disse Jacques Maritain, no prefácio da segunda edição da obra que fizera sobre seu mestre, que em Bergson temos que considerar o bergsonismo de fato e o bergsonismo de intenção. Nesse bergsonismo de fato, em que vemos a originalidade do pensador e filósofo, chegamos à conclusão de que ele é contraditório, dentro mesmo do seu ideal de renovação.

Mas em Bergson há uma parte que é, a nosso ver, a mais importante. É aquela que nos indica Bergson, no mundo contemporâneo, como filósofo da liberdade, como filósofo da espiritualidade, como filósofo que atingiu o limite da mística mais autêntica para trazer deste misticismo os princípios renovadores da vida política, quando nos mostra o conteúdo evangélico do conceito de fraternidade que fôra erigido em nome da razão.

Vejamos a essência do pensamento bergsoniano. Como surgiu? Surgiu como reação a Kant. Surgiu como reação ao agnosticismo de Augusto Comte. Surgiu como reação ao materialismo, outro ponto de contato com a filosofia de Farias Brito.

Ninguém, até hoje, considerou tão detalhadamente o conceito da coisa em si, o "das Ding an sich", como o filósofo brasileiro do "Mundo Interior". Analisando a obra de Kant, de Shopenhauer, de Hegel, ele considerou esse conceito e criticou o ceticismo de Kant, quando afirma que a inteligência é incapaz de conhecer a essência das coisas, só conhecendo as aparências, só conhecendo os fenômenos.

Ora, nesse mesmo terreno é que se colocou o mestre francês com o seu estilo cintilante, atraindo ao Collège de France toda aquela mocidade ansiosa de saber, aqueles filósofos hoje já encanecidos, como Jacques Maritain, como Gilson, que receberam as lições do mestre, e o extraordinário Charles Peguy, que mais tarde se converteu ao catolicismo e que também, de algum modo, deve a Bergson a sua volta à Igreja. Também, por um retôrno de idéias, Bergson sofreu a influência das idéias dos seus discípulos que foram para o cristianismo, como Peguy e Jacques Maritain.

Na primeira fase do pensamento filosófico de Bergson, nota-se primeiramente uma mudança do conceito de realidade. Bergson, estudando a evolução criadora, admite que a inteligência seja uma etapa do *élan vital*. Esse *élan vital* que atravessa o mundo da matéria e o mundo vivo animal; esse *élan* que constrói aquelas sociedades fechadas dos animais de vida em comum, como as abelhas e tantos outros, esse *élan vital* que continua e pára no homem, criando a inteligência, a inteligência fabricadora.

Essa inteligência, entretanto, segundo Bergson, só tem capacidade para conhecer as aparências, por esta razão pensamos que êle não pode criticar a Kant, porquanto também admite, por outras razões, que a realidade só pode ser apreendida no seu aspecto fotográfico, se assim podemos dizer, pois que ela é movediça. A inteligência, afirma Bergson, está para a Verdade, como um homem que corre atrás de uma nuvem; êle pode apreender fragmentos, aspectos dessa realidade, mas somente para a ação, porque a verdadeira realidade é fluente, ela corre, ela está sempre móvel. É por isso que alguns críticos de Bergson afirmam que êle repete no mundo atual a doutrina evolucionista do grande Heráclito, da escola iônica. Aliás, podemos sintetizar o pensamento de Heráclito neste conceito: nós não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, nem uma só vez, porque o rio se transforma constantemente, e nós mesmos nos transformamos. E o velho Heráclito afirmava: "Sou e não sou ao mesmo tempo."

Como conhecer, então, essa realidade que se move, que está numa movimentação constante? Por intuição. Mas a intuição de Bergson não é intuição estética, não é aquela intuição que temos dos nossos dados imediatos da consciência, mas dos dados imediatos que êle, Bergson, tem. A intuição é uma torção do espírito sôbre si mesmo para captar a realidade que se move, a realidade que se transforma.

De maneira que, se analisarmos a doutrina de Bergson, do ponto de vista da filosofia aristotélico-tomista, verificamos que é uma filosofia essencialmente antiintelectualista. E êle, que é um deísta, vai cair em puro panteísmo.

A grande obra de Bergson é aquela que está contida em sua obra monumental "As Duas Fontes da Moral e da Religião"; é uma etapa nova da sua vida. Êle sai do panteísmo, ou procura sair, porque jamais renuncia ao seu conceito de evolução criadora, jamais renuncia ao seu conceito de *élan vital*.

O *élan vital* e o intuicionismo realizam uma espécie de contraponto em tôda sua obra filosófica.

Mesmo quando estuda o misticismo autêntico, que é o misticismo cristão de Santa Teresa, de São João da Cruz e de São Francisco de Assis, verificamos que êle encontra nas obras desses místicos o mesmo antiintelectualismo que pregava; somente pela intuição se pode ver Deus face a face, ou as coisas de Deus.

Essa obra é a que nos importa, é a que mostra Bergson, o judeu Bergson caminhando para o cristianismo. Interessante é a análise que êle faz da religião, admitindo a religião estática e a religião dinâmica. A religião estática é aquela fabricada pelo homem, a religião natural, não aquela religião revelada; é a religião de todos os povos, é a necessidade que tem o homem de uma entidade qualquer que o ampare e a que êle recorra em todos os momentos da sua vida.

Mas o seu pensamento atinge um alto grau de maleabilidade quando estuda a religião dinâmica. E mostra que, nesse ponto de vista, já a inteligência não pode mais agir; a inteligência fabricadora fica relegada a segundo plano. Acentua que o homem só pode renovar-se, que o homem só pode renovar o seu mundo, dentro do misticismo. E passa a estudar tôdas as formas místicas, a começar pelos ritos pagãos — o Rito de Orfeu, que se seguiu ao de Dionísio, que por sua vez já tinha sido herdado da Trácia. Êle mostra como êsse pensamento grego, ou melhor, êsse misticismo grego foi até o Oriente, e estuda em detalhe tôdas as fases do misticismo

hindu, e demonstra que esse misticismo, por mais respeitável que seja, não é autêntico, porquanto, segundo Bergson, todo misticismo tem de terminar em ação.

Ora, o misticismo búdico leva ao Nirvana, que vem a ser a imobilidade completa. Vê-se, pois, que Bergson nunca renunciou aos seus pontos de vista fundamentais. Ele não pode admitir um ser imóvel. Ele tem de admitir um ser em movimento, um ser agindo, um ser se aperfeiçoando, um ser se acabando.

Mas, voltemos ao misticismo. Bergson procura estudar o misticismo autêntico — e as suas palavras são precisas; só há o misticismo completo, o misticismo cristão. O homem, depois de passar por tôdas as lutas, pelas estradas obscuras — e cita as palavras de Santa Teresa e de São João da Cruz — encontra-se face a face com as coisas de Deus e talvez com o próprio Deus.

E afirma o seguinte: "Os grandes profetas judeus não foram místicos completos, porque não tinham com Deus a mesma intimidade que os cristãos. Sendo o cristianismo uma transformação do judaísmo, não se pode negar que, se os profetas judaicos não foram místicos no mais completo sentido da palavra, êles foram, entretanto, os homens que orientaram os cristãos para chegar ao verdadeiro misticismo."

Nessa obra, Bergson já chega a afirmar a existência de um Deus pessoal, de um Deus que é o ato puro, criador de tôdas as coisas. Verifica-se nessa obra sua marcha crescente para o cristianismo. Ele, em vida, nunca fêz qualquer declaração sôbre sua conversão ao catolicismo, mas afirmou que o catolicismo é o acabamento do judaísmo.

Do nosso ponto de vista político, do ponto de vista democrático, é aí que está o grande valor da doutrina bergsoniana. Ele e seu discípulo Jacques Maritain saíram do plano tranqüilo e inefável da especulação filosófica, do plano da visão diária das verdades eternas, para vir a nosso mundo e dar-nos aquêles princípios que devem reger a democracia.

Bergson é o incomparável defensor da espiritualidade, e defensor dos conceitos de fraternidade e de igualdade, conceitos que, diz êle, não podem ser considerados como resultantes da razão fabricadora, mas sim em função do amor, do amor de Deus para com todos os homens. E, precisamente, só podemos admitir os conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade aceitando o aspecto sacral da pessoa humana, dêsse homem criado à imagem e semelhança de Deus.

Já falei outras vêzes sôbre a sua afirmação de que, sendo os princípios fundamentais da democracia, de natureza evangélica, de essência evangélica, o amor é o agente que põe em movimento tôdas as democracias. Não se faz democracia, diz Jacques Maritain, com ódio, nem se faz democracia com rancor. A democracia é feita de braços abertos, porque tôdas as nossas antinomias se resolvem em face do sofrimento.

Nesta hora em que rememoramos a vida e a obra dêsse grande mestre, podemos sintetizar em três palavras a mensagem que êle trouxe à humanidade: amor, paz e esperança.

Num livro dramático do grande escritor inglês Joseph Conrad, um personagem, ao morrer, afirma o seguinte: "Ai do homem que na sua juventude não teve confiança na vida, não amou a vida." Bergson nos liberta, nos dá impulso, estímulo para que possamos, um dia, chegar a um mundo tranqüilo, a um mundo em que a evolução criadora, no sentido metafórico, mas com uma finalidade real, tenha feito com que os homens possam olhar-se como criaturas que têm a marca da divindade, como criaturas que enveredaram pelo domínio da mística e vão encontrar-se na eternidade, face a face, com o Senhor dos Senhores.